

71

DIRECTOR  
ARMANDO  
VIEIRA  
PINTO

15

*Movimento*

QUINZENARIO  
— CINE —  
MATOGRAFICO

1\$5



# **GADO BRAVO**

---

**GRANDE FILME  
PORTUGUEZ**

---

**P O R T O****L I S B O A****C O I M B R A**

**SÃO JOÃO**  
 MATINÉE  
 DE 4, 12 OU 17  
 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 50 %  
 2 ENTRADAS

**O D E O N**  
 QUALQUER MATINÉE  
 ATÉ  
 20 DE JANEIRO  
 50 %  
 1 ENTRADA

**CENTRAL**  
 MATINÉE  
 DE 5, 13 OU 18  
 DE JANEIRO  
 50 %  
 1 ENTRADA

**CONDES**  
 QUALQUER MATINÉE  
 (Excepto aos Domingos)  
 ATÉ  
 20 DE JANEIRO  
 25 %  
 1 ENTRADA

**TIVOLI**  
 MATINÉE  
 DE 7 OU 14  
 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**TEATRO AVENIDA**  
 MATINÉE  
 DE 7 OU 14  
 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**B R A G A****A V E I R O**

**TEATRO-CIRCO**  
 MATINÉE  
 DE 7  
 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 50 %  
 1 Entrada de plateia

**TEATRO-CIRCO**  
 MATINÉE  
 DE 14  
 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 50 %  
 1 Entrada de plateia

**TEATRO AVEIRENSE**  
 MATINÉE  
 DE 7 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**TEATRO AVEIRENSE**  
 MATINÉE  
 DE 14 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 30 %  
 1 ENTRADA

**T O M A R****F I G U E I R A D A F O Z****O V A R**

**— TEATRO —  
DE TOMAR**  
 MATINÉE  
 DE 4  
 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 25 %  
 1 ENTRADA

**— TEATRO —  
DE TOMAR**  
 MATINÉE  
 DE 11  
 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 25 %  
 1 ENTRADA

**TEATRO PENINSULAR**  
 SOIRÉE  
 DE 4  
 DE JANEIRO  
 30 %  
 1 ENTRADA

**TEATRO PENINSULAR**  
 SOIRÉE  
 DE 11  
 DE JANEIRO  
 30 %  
 1 ENTRADA

**CINE-OVAR**  
 MATINÉE  
 DE 7  
 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 50 %  
 1 ENTRADA

**CINE-OVAR**  
 MATINÉE  
 DE 14  
 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 50 %  
 1 ENTRADA

**Vila do Conde****A L G É S****Famalicão Quebrada**

**TEATRO AFONSO SANCHES**  
 QUALQUER MATINÉE  
 ATÉ  
 20 DE JANEIRO  
 50 %  
 1 ENTRADA

**CINEMA KURSSAL**  
 ESPECTACULO  
 DE 3  
 DE JANEIRO  
 50 %  
 1 ENTRADA

**CINEMA KURSSAL**  
 ESPECTACULO  
 DE 10  
 DE JANEIRO  
 50 %  
 1 ENTRADA

**CINEMA KURSSAL**  
 ESPECTACULO  
 DE 17  
 DE JANEIRO  
 50 %  
 1 ENTRADA

**TEATRO OLIMPIA**  
 QUALQUER SESSÃO  
 DE 7 A 20  
 DE JANEIRO  
 DE 1934  
 40 %  
 1 ENTRADA

**CINE-PRAIA**  
 QUALQUER ESPECTÁCULO ATÉ  
 20 DE JANEIRO  
 20 %  
 1 ENTRADA

**movimento**

\_\_\_\_\_ número 13

**quinzenário cinematográfico**

\_\_\_\_\_ 1 de Janeiro

\_\_\_\_\_ 1 9 3 4

capa, comp. e imp. da

tip. costa carregal

tr. passos manóel, 27

p ô r t o

propriedade de

armando e armando

assinaturas

6 números — 9\$00

12 números — 18\$00

avulso 1\$50

\_\_\_\_\_ administrador e editor: armando barros \_\_\_\_\_

redacção e administração: rua elisio de melo, 28—sala 4—pôrto

\_\_\_\_\_ este número foi visado pela comissão de censura \_\_\_\_\_



— É admirável!

como o

# Creme Benamor

remoça

e aveluda

a pele!...

Produto

*Nally*

indispensável no toucador  
de todas as senhoras que  
não querem envelhecer

Tubo pequeno . 3\$00

Tubo grande . 5\$00

Vende-se nos bons estabelecimentos do  
Paiz

**SOCIEDADE DE  
PERFUMARIAS  
NALLY, L.<sup>DA</sup>**

Filial no Porto:

Rua Sá da Bandeira, 136 - 2.º

Telefone, 6146



# LILIAN HARVEY

Reaparece na grande produção da FOX



Realização de  
JOHN BLYSTONE  
Tirado do drama  
de Attila Orbok,  
«DER Komet».

Em exibição triunfal no  
Cine S. Luiz — Lisboa



COM

LILIAN HARVEY  
JOHN BOLES  
El Brendel  
Irene Browne  
Maude Eburne  
Herman Bing  
Henry Stephenson

A estrear no Cine Trindade  
do Porto em 9 de Janeiro

# MEUS LÁBIOS ENGANAM

Distribuição da COMPANHIA CINEMATOGRAFICA DE PORTUGAL



# Sonoro-Filme

---

a firma que tam  
acertadamente vos  
apresentou esta  
época os seus  
maiores sucessos

**Violetas imperiais**  
**Oito raparigas num barco**  
**Um Homem de coração**  
**etc. etc. etc.**

acaba de obter em Lisboa o  
o mais assinalado triunfo com  
a apresentação da maior estrêla  
de cinema europeu

## FRANZISKA GALL

---

Na primeira das suas grandes  
creações

# PAPRIKA

---

(UMA RAPARIGA DOS DEMÓNIOS)

apoderou-se inteiramente da sim-  
patia portuguesa.

# PAPRIKA

---

com lindíssima música, situações encantadoras e bulício azougado  
«Uma Rapariga dos Demónios», constituirá uma grande  
estreia para o Porto EM 2 DE JANEIRO NO TRINDADE

Distribuição da

## Companhia Cinematográfica de Portugal

# PROTESTO!

---

Meus Amigos:

Vou falar-vos de um filme e vou falar-vos de uma indignidade. Concordareis comigo, tenho a certeza.

Escrevo-vos num dia que é mais alegre para alguns, mais triste para muitos e deveria ser, suponho eu, de absoluta e profunda fraternidade para todos.

Faz hoje anos que, numa estrebaria humilde da Judeia um menino nasceu, filho de homens, homem, portanto, como qualquer de nós. Mas tam justo e tam bom que os homens o não quizeram para igual, o pregaram numa cruz, entre dois ladrões e o fizeram Deus.

Pois muito bem. Vou agora falar-vos de um filme, essa admirável «La Maternelle» que nos écrans de Berlim atinge um successo sem igual até hoje.

Benoit-Levy e Marie Epstein dirigiram este filme, tirado d'esses profundos e emocionantes «Contes de La Maternelle» para cuja reedição Léon Frapié escreveu, no prefácio: *ces contes sont aussi à envoyer par malveillance à une personne à qui vous en voulez: pour la faire pleurer.*

E de facto assim é, tal amargura, tal revolta, tal dôr pura e simples nos invadem ao lermos estes contos escritos num estilo de que Germaine Decaris, a jovem intelectual belga de tam apurada sensibilidade artistica e tam raro senso crítico disse: *ce ton que l'on ne peut prendre que lorsqu'on explique simplement ce que l'on sait.*

E quereis que vos diga, meus amigos, qual o fundo que dirige o livro e que no filme se mantem? É a revolta profunda e justa contra esta falsa moral que impede que se coloque, acima de todos os deveres, o de ensinar caridosamente aos pobres como se impede a procreação. Que importa, direis vos, que um pobre tenha um, dois ou dez filhos? E eu responder-vos-ei: importa muito, porque é da ignorância dessa moral rudimentar e humana que poderia chamar-se «filosofia da pobreza» que provem esse crime que se chama o crime de ter filhos demais e que provoca depois casos terríveis.

Algun de vocês conhece, meus amigos, o caso dessa criança de que fala Germaine Decaris e que, *«terrorisé par son père et sa mère, est dans un état de tension tel qu'il ne peut rien tenir dans ses mains?»* Ou o d'esse pequenito, Gustavo Sollis, internado no hospital de Gand durante seis mezes para tratar da ferida que o amante da mãe lhe fizera, arranhando-lhe uma perna até ao osso? Algun de vocês conhece o caso de Maria Coueret que, com 7 anos de idade se suicida atirando-se ao Sêna porque—vejam a horrível amargura disto!—porque a mulher que a recolheu após a morte da mãe, ia casar? Algun de vocês sabia que existe no Porto,—um médico illustre, o Dr. António Emilio de Magalhães o disse—um leproso vivendo, com cinco crianças, num só aposento? Algun de vocês sabia—outro médico illustre, o Dr. Armando Tavares o conta—que numa rua do bairro da Sé uma mulher aluga, por 2 escudos diários, uma escada onde vive, cosinha e dorme, com dois filhinhos de colo?

Algun de vocês sabia que existem no Dispensário do Porto, crianças de dois mêses, tuberculosas pulmonares? E que, havendo contra esta terrível enfermidade uma vacina francesa (a vacina B. C. G. de Calmette, que o Instituto Câmara Pestana já fabrica) a Inglaterra, a Austria e Portugal onde, segundo as estatísticas morre, cada meia hora, um tuberculoso, são os *«unicos países do mundo em que essa vacina não é obrigatória»*? Nenhum de vocês sabia disto? Pois é assim mesmo.

Meus amigos: falei-vos de um filme, falei-vos da vida—não é o cinema a perfeita imitação da vida?—falei-vos da miséria, que é uma coisa horrível, vou agora falar-vos da especulação da miséria, que é uma coisa ignóbil.

Algun de vocês passou, ontem ou hoje, na rua de Santa Catarina e reparou numa grande aglomeração de pessoas, perante as montras de uma casa de brinquedos? Sabeis o que estava nessas montras? Eu vou dizer-vos. Numa, pela frente do senhor Hitler desfilava uma parada militar: muitos soldados, muitos canhões, tanks, morteiros, enfim: todos os brinquedos capazes de preparar pouco a pouco os vossos filhinhos tenros para a ideia de que amanhã serão chamados a matar e a morrer, para mal de todos e vaidade de alguns.

Na outra, esta cena edificante: um quartinho de criança; duas camas com dois pequenitos—que não eram, positivamente os filhos do dono da casa, mas de algum pobre, sem direito a vaidades.—Depois chegava o Pai Natal, com suas barbas de neve e os braços carregados de brinquedos; as bonecas, os aviões, os comboios, passavam para as mãos dos pequenitos; o Pai Natal ia-se embora; caía um pano por detrás dos vidros; e a multidão gozava, divertida e imbecil.

Passados minutos, a cena repetia-se. E a multidão tornava a divertir-se, porque o Pai Natal e os petizes estavam perfeitamente ensaiados.

Mas agora pergunta-se: depois de representada a comédia uma vez, duas vezes, cem vezes, os brinquedos foram realmente para os petizes, ou com cinco reis de mel coado para matar a fome deixaram-nos como dantes, com os bracinhos vasilos e os olhinhos deslumbrados por todos aqueles carros, aqueles comboios, aqueles bonecos que durante dois dias, como peixes num aquário, mostraram por trás dos vidros aos outros meninos, os que têm dinheiro e brinquedos e caminhas aconchegadas e limpas?

Meus amigos, adeus. Sabeis quem era Tântalo? Era um homem que os Deuses mandaram amarrar a uma árvore, ao lado de uma fonte cristalina e lá o deixaram, ao sol de fogo da Grécia até morrer de sede. Os deuses eram cruéis! Mas que os homens lhes seguem honrosamente as pisadas prova-o a publicidade mesquinha contra a qual protesto e que o Bazar do Porto fez, aproveitando para uma das suas montras a imagem miserável da guerra e, para a outra, am iserável infância da vida.

---

armando vieira pinto

---

# Guerra aos cem metros!

No último número de «Imagem», Jorge Brum do Canto levanta cerrado protesto contra os actuais documentários portugueses que um decreto mal pensado obriga a exhibir em todos os espectáculos de cinema. Ao seu protesto muito justo, junta um apêlo à imprensa cinematográfica portuguesa, para que todos, reunidos em frente única, abram declarada guerra a êsses hectómetros de imagens pelintras e lastimáveis que, longe de trazerem qualquer proveito para o cinema português, só o envergonham.

Está hoje sobejamente reconhecida a inutilidade do decreto que tornou obrigatória a exibição dum mínimo de cem metros de filme português em cada espectáculo cinematográfico. As boas intenções que guiaram a elaboração desse decreto falharam em absoluto. E falharam por várias razões: primeiro, porque a má vontade com que os distribuidores acolheram essa disposição leva-os gananciosamente a pagar somas pequeníssimas por êsses filmes que são obrigados a juntar a cada um dos seus programas. Segundo, porque os operadores cinematográficos que resolveram aproveitar-se da ocasião oferecida por êsse decreto, não se sentindo encorajados por remuneração que compense sério esforço, desleixam-se, trabalhando sem gosto e sem entusiasmo. Terceiro, porque sendo necessários muitos documentários, visto cada distribuidor alugar por semana uma média dum programa de estreia, tudo é aceite sem se olhar a qualidade, colocando-se, assim, os «realizadores de panorâmicas» na certeza da venda dos seus filmes sejam êles como forem. Quarto, porque repetindo-se a eterna história do sapateiro que quis tocar rabeção, dois terços dos operadores que filmam à tãa cem metros de paisagens ou de motivos portugueses, não possuem a menor parcela de bom gosto, a mais pequena visão cinematográfica, a mais curta centêlha de inspiração ou de originalidade.

De tudo isto junto — e já que o público não protesta — resultam êsses disparatevários portugueses (como lhes chama Leitão de Barros), que são mesmo uma vergonha e uma lástima.

Eu disse que o público não protesta? Não é bem assim. O público português não está habituado a manifestar ruidosamente o seu agrado ou o seu desagrado mas, passivamente, vai dando a entender o que pensa. É freqüente, a um espectador que chega tarde e que é informado por um porteiro de que está passando o documentário de lei, ouvir dizer: «nêsse caso não entro já, ainda tenho tempo de fumar um cigarro.....».

E esta atitude, que é vulgar, é suficientemente eloqüente. Nêstes casos não é como no passado plebiscito..... As abstenções não se contam a favor; contam-se contra.

Isso não chega, todavia. O problema dos documentários portugueses requiere uma imediata resolução. Como encontrá-la? Que cada qual encare o problema e apresente uma sugestão. Ora vejamos:

O decreto que criou a obrigatoriedade de exibição dos cem metros de filme português fracassou. A sua inutilidade é evidente e não será preciso demonstrá-la mais uma vez. Estudemos a forma de resolver o mal. Não me parece difícil se o cortarmos pela raiz. Basta que ao decreto-lei 22.966 (decreto de protecção à indústria cinematográfica portuguesa) se faça uma pequena alteração.

O artigo 3.º desse decreto diz que «os importadores dos filmes estrangeiros ficam obrigados a adquirir, para exibição em Portugal, filmes sonoros produzidos em estúdios nacionais, na metragem que fôr anualmente fixada pelo Governo em harmonia com as condições da produção e da exibição cinematográfica». Adicionem-se-ia um novo parágrafo a êsse artigo, revogando o decreto que criou a obrigatoriedade de exibição dos documentários de cem metros e tornar-se-ia obrigatório que em cada programa constituído por um filme nacional todos os complementos fôsem de origem portuguesa.

Eu sei que, a ser aceite esta sugestão, muitos daqueles que actualmente se dedicam a estragar película em panorâmicas, ficariam seriamente prejudicados. Mas uma selecção de valores torna-se necessária e urge acabar com a vergonha dos documentários portugueses feitos ao Deus dará, sem gosto, sem critério, sem utilidade e sem beleza. Paciência.....

Aqueles que desejassem experimentar as suas probabilidades ou aproveitar o seu saber dedicar-se-iam, com esmero, à realização de pequenos filmes (que podiam muito bem continuar a ser documentários), os quais seriam aproveitados sempre que se exhibisse uma nova produção nacional ou sempre que qualquer distribuidor os quisesse incluir nos seus programas de filmes estrangeiros. Essas pequenas produções passariam a ser mais bem pagas; mas, conseqüentemente, os próprios distribuidores fariam o controle do seu mérito artístico.

Acabariamos assim com os «sapateiros do cinema» e facilitava-se, àqueles que pretendessem ensaiar as suas possibilidades, o ingresso no campo da realização cinematográfica, podendo daí resultar a revelação de alguns valores que a prática iria formando aos poucos.

E àqueles que se teem revelado como negações e da mesma forma continuassem.... fechar-se-lhe-iam as portas e estava o assunto arrumado. De resto, ofícios há muitos.....

**a l v e s c o s t a**



---

**«Gado Bravo» está quasi pronto e será estreado ainda êste mês. Será um bom filme? Será um mau filme? Vocês, francamente, são incorrigíveis a fazer-nos dessas perguntas. Que necessidade têm vocês de fazer prognósticos? Já pouco falta, tenham paciência...**

# Do combate nas trevas...

---

.....Sim, porque ainda não se sabe de onde viemos nem para onde vamos. E este batalhar de vida no horizonte das possibilidades e das hipóteses pode não ser sempre vitorioso, mas será sempre heróico.....

.....De resto, os vencidos de ontem podem ser os vencedores de hoje. Assim é na Arte, mas nem sempre assim é na Vida. Quero dizer: são bem raros aqueles escritores que conseguem durante a sua existência usufruir as benesses das suas próprias obras, pois no geral (e isto é tam sabido!) as consagrações só aparecem *post-mortem*.

Vem isto a propósito (e até parece em despropósito) das últimas notícias, dos últimos informes vindos até ao nosso conhecimento confirmando o *curriculum vitae* literário de Mae West, nome que por si só, já é hoje um cartaz.

Ha sete anos, os grandes diários de New York recusavam, sistemáticamente, todos os anúncios de publicidade a Mae West—quando mais acêso se tornava o escândalo de «Sexo» peça escrita e interpretada por ela. Hoje todos os grandes jornais e as revistas mais cotadas como «Vanity Fair», «Harper's Bazar», «Vogue» e «Time» raro é o dia, a semana ou o mês que não se ocupam de Mae West, rclamando quer as suas agudezas críticas, quer a sua opinião sôbre modas, apontando-a, até, como inovadora da estética feminina.

Ora o primitivo desprêso pela obra de Mae West atribui-se nos Estados Unidos a um movimento da massa anónima, explicável em certas circunstâncias como susceptibilidade por ver tratados com uma franqueza rude os problemas do amor e da vida. E citam-se como exemplos a guerra implacável que sofreram os novelistas Thomas Hardy e Theodore Dreiser. Mas a glória, a consagração actual de Mae West, será como no-la querem apresentar os americanos um resultado da acuidade crítica do público? Pois o alvoroço tem sido tam grande, o *brouhaha* tam intenso que se procura pôr em paralelo o antigo desagrado pela obra de Mae West com o desagrado também sofrido por Walt Whitman e Edwin Markham.

Protesto! seja embora a minha voz um grito no deserto.

Repito: não. Parece que é desacêrto. O sucesso literário de Mae West pode, visto do campo cinematográfico,—quando muito—convergir em aparência à glorificação literária de Victor Margueritte.

Repito: não. Deixemos bem à parte tôdas as outras memórias de escritores e muito especialmente a do grande poeta Walt Whitman, cuja obra agora invocada pelos americanos tem a grandeza que eles ainda parecem desconhecer-lhe: um sentido altamente cinematográfico, resumido nesses dois versos admiráveis que seriam a inscrição mais perfeita para um documentário:

«Être un marin du monde en partence pour tous les ports,  
Être le navire lui-même.....»

---

**a l e x a n d r e   d e   m é d i c i s**

---



Raúl, Olly e Sigfried, preferem produtos portugueses

# PUBLICIDADE

Pondo de parte já a formidável publicidade que por meio do filme se pode fazer às ideias políticas e sociais ou mesmo às questões e problemas da ciência, não tem o cinema sido devidamente aproveitado para a publicidade meramente comercial e industrial, que todo o homem de negócios actual coloca no alto lugar que lhe compete.

Com a concorrência dos mercados, dia a dia mais áspera e quantas vezes desleal, com o cansaço e a desconfiança do público—aliás com razão—pelas publicidades espalhafatosas e gritantes, o filme sobe de valôr no conceito dos publicitários de todo o mundo.

A publicidade não é, como à primeira vista muita gente supõe, uma brincadeira de crianças.

É, simultaneamente, uma arte e uma ciência, tanto mais difícil quanto é mais complexa, e tanto mais interessante quanto é mais certo que se baseia na psicologia das multidões, a mais complicada e enganosa de todas as psicologias....

E o cinema, poderosíssimo processo de expressão, não podia deixar de ser

aproveitado para a propaganda de ideias, sistemas, teorias ou simplesmente artigos comerciais.

Ainda há tempos se projectou nos ecrãs do *Trindade* um filme da Florelle e do Fernand Gravey, «Apaixonadamente» se não estou em erro, em que, no final, se fazia uma enorme publicidade aos vinhos franceses.

No filme português «Gado Bravo» — como a gravura acima o mostra — há também seu quê de publicidade.

Muitos condenam. Porquê? Se a primeira produção do Bloco H. da Costa se destina aos ecrãs estrangeiros, não vai, mostrando a belêsa da nossa paisagem, o pitoresco dos nossos costumes, a harmonia das nossas cantigas regionais fazer, largamente, a publicidade do nosso turismo? Vai, evidentemente.

Faça então simultaneamente a publicidade do que há de bom nos nossos produtos naturais.

Completará o seu propósito e terá a aprovação das pessoas sensatas.

E os outros não contam.

# VALA COMUM

Informam de Paris que se encontram concluídas as filmagens de «Gado Bravo», caminhando activamente os trabalhos de montagem. A estreia do filme está anunciada para todo o corrente mês de Janeiro.



O diálogo e a adaptação de «Liliom» que Fritz Lang vai realizar, foram confiados a Bernard Zimmer.



Recebemos e agradecemos: «Cinéfilo», «Horizonte», «Invicta-Cine» e «Imagem»



Devido ao sucesso obtido pelo seu primeiro filme americano, Doroteia Wieck foi contratada por alguns anos pela Paramount.



«La Maternelle» está sendo exibida no Ufa Kurfürstendamm com um sucesso que nenhum outro filme francês obteve até à data. A lotação da sala encontra-se esgotada com mais de quinze dias de antecedência.



René Clair acaba de ser contratado pela Pathé-Natan, sendo o seu primeiro filme «O último milionário» com Max Dearly no principal papel.



Lilian Harvey, a deliciosa rapariga que tanto alegrou a nossa festa, acaba de intentar um processo contra a Fox. Queixa-se Lilian Harvey que um filme de que ela fizera a protagonista em versão inglesa, fôra feito em «dubbing» para a versão francesa e alemã o que era desnecessário dado o seu conhecimento de qualquer dessas línguas. Lilian Harvey acha a coisa absurda e prejudicial, no que tem muita razão. No entanto contra a sua muita razão, a Fox tem muito dinheiro.

Na Europa, com a sua razão, contra o dinheiro da Fox, Lilian devia perder. Na América, perde com certeza.



A primeira produção da Sociedade recentemente formada por Gaby Morlay será uma adaptação de «Jeanne» a célebre comédia de Henry Duvernois. Charles Boyer e Gaby Morlay serão os protagonistas.



A censura holandesa acaba de proibir o filme «This day and age» a que já nos referimos. Ora aqui está um país em que a censura sabe o que faz!



O último número da «Cinematografia Francesa» noticia que, desde que passa, nos Campos Elísios o filme «Ilha» que René Ginet fez sobre os Açores, os espectadores reclamam

constantemente discos de fados. E vaticina ao fado um sucesso monstro em Paris, o que deve ser assim mesmo, visto que Paris é, como todos sabem, uma terra onde o interesse do público por isto ou por aquilo toma rapidamente o carácter epidémico.

Pergunta-se agora: porque se não fala sequer em trazer aos nossos ecrãs os filmes de René Ginet?

«Ilha» interessaria certamente o público de Portugal; e a exibição de «Angola Pulman» seria imensamente oportuna, por exemplo, por alturas da Exposição Colonial.



A passar as férias encontram-se entre nós os nossos redactores Fernando Barros e Alexandre Serpa.

Nós todos, é claro, estamos satisfeitos.



Juan Piqueras, o director de «Nuestro Cinema», uma das mais bem feitas e sem dúvida nenhuma a mais desassombrada revista internacional de crítica cinematográfica, escreveu ao nosso director algumas palavras amáveis, prometendo a sua colaboração que muito brevemente se iniciará.



Recebemos e agradecemos a amável e lisongeira visita de *Documentos 33*, uma excelente e séria revista de crítica cinematográfica, literária e social que se publica em Bruxelas.

Com prazer e orgulho constatamos que as palavras gentis que o director de *Documentos 33* nos envia, contrastam profundamente com a antipatia que alguns colegas portugueses sustentam por nós.



Como se sabe, Fédor Ozep continúa os trabalhos de filmagem de Amok, extraído do célebre romance de Stephan Zweig. A adaptação foi entregue a Henry Lenormand, o famoso autor de «O Homem e os seus fantasmas».



Após o Ano-Novo iniciará René Clair os trabalhos do seu próximo filme que terá por título como dissemos «Dernier milliardaire».



A produção cinematográfica inglesa vai aumentando. E o seu desenvolvimento foi tal, nêstes últimos tempos que os studios existentes não chegaram para realizar os filmes anunciados. Fala-se muito na constituição de uma nova sociedade que se destinará à edificação de vários studios nuns terrenos perto de Sambury-Park.



A Tobis-Portuguesa já reembolsou o dinheiro que lhe custará a sua primeira produção «Canção de Lisboa». Espera-se a todos os momentos o início dos trabalhos para a continuação da sua obra.



O Sigfried Arno parece um tanto ou quanto atrapalhado. O caso, de resto, não é para menos. Encontrar-se alguém assim, carregado de embrulhos, em plena lezíria, não será motivo para qualquer dizer mal dos seus pecados? Parece que sim...

# TEODORO & C.<sup>A</sup>

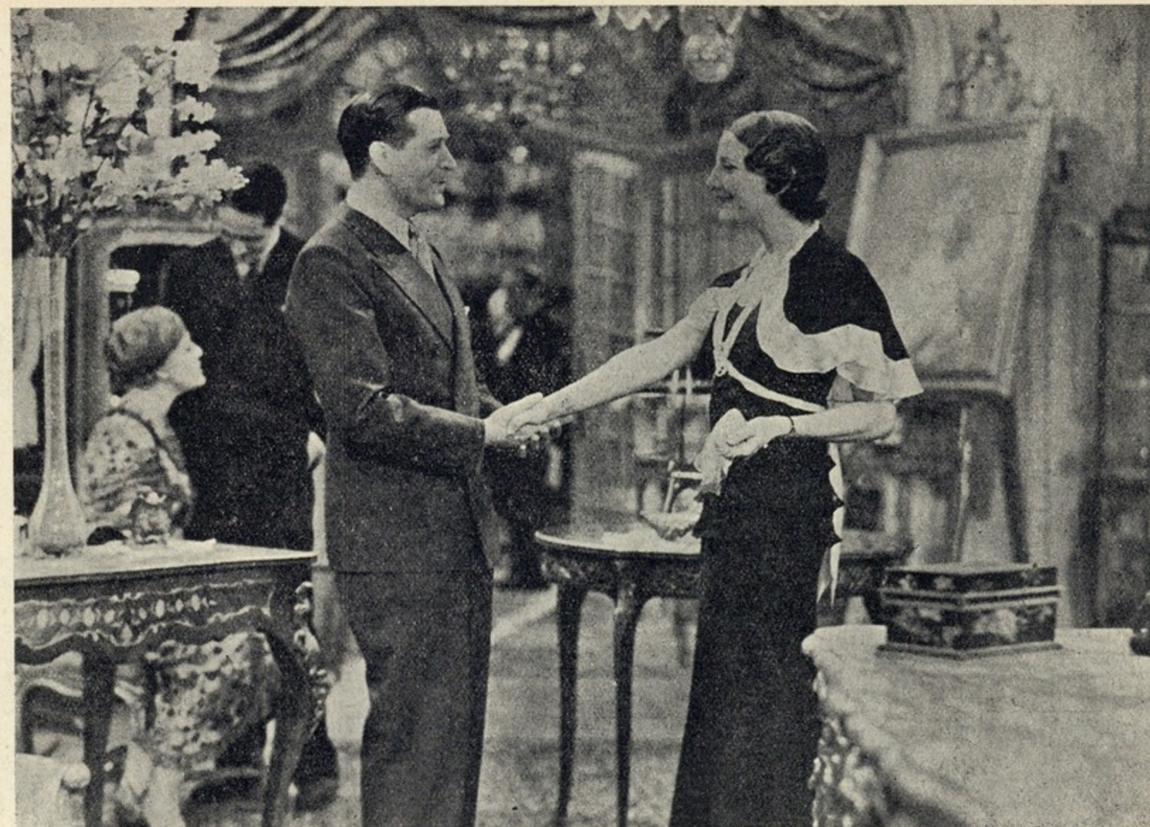


Raimu, o inesquecível interprete de «Marius» que em «Teodoro & Ca.» o filme tirado da peça de Marcel Pagnol tem uma estupenda criação.

E

## TRAFICANTES

Dois filmes que vamos  
vêr no São João-Cine



Alice Field e Albert Préjean, dois dos interpretes de «Teodoro & Ca.» que o São João exhibirá.



«Traficantes» é um filme de aviação e movimento, com Anita Page e Regis Toomey que nesta fotografia aparecem muito fotogénicos, graças ao Senhor.

# Um número Especial —

Vai «Movimento» iniciar, com um número que se publicará no próximo dia 15 e dedicado a GADO BRAVO, o primeiro grande filme português do «Bloco H. da Costa», a série dos seus números extraordinários.

Êste primeiro terá 52 páginas impressas a côres, muito que ver, muito que ler e muito que depreender.

Será a prova de que «Movimento» pelo bom acolhimento que o nosso esforço constante tem merecido do público, passou dos dias periclitantes da infância para os dias esperançosos da adolescência.

Será, ao mesmo tempo, a prova da nossa vitalidade — àqueles que o não desejavam assim, pedimos desculpa, — dizíamos, a prova da nossa vitalidade dia a dia mais profunda e definitiva, e uma pequeníssima amostra daquilo que somos capazes de fazer e faremos, se Deus nos der vida e saúde e vocês nos não faltarem com a vossa boa-vontade e o vosso interesse.

«Movimento», como o seu próprio nome o indica, nem pode recuar, nem sequer estacionar. Tem de progredir, ou deixava de ser «Movimento» e nós deixávamos de ser quem somos.

Como o Armando vos disse de viva voz na nossa Festa, nós somos, sim, dos que sonham, mas dos que sabem e podem construir e realizar o seu sônhô. Vamos dar-vos agora um número especial que não é tam grande nem tam bom como nós queríamos, mas que não passa de uma experiência.

Comprem vocês êste, para começar.

E prometemos para a data em que a nossa revista faça um ano, outro número especial, êsse então formidável.

Falta prevenir-vos que o actual número especial, a sair entre 15 e 20 de Janeiro, englobará os nossos números 14 e 15, não saindo portanto «Movimento» em 1 de Fevereiro, mas apenas a 15.

Fazemos esta prevenção, só para evitar boatos.

# Editorial — «Movimento»

Cinéfilos! Vai sair o 2.<sup>o</sup> fascículo de série de «Cadernos de Elucidação Cinematográfica» que «Editorial Movimento» intentou publicar.

Conterá a conferência do nosso camarada Fernando Barros, chamada A NOVA TEORIA DA JUVENTUDE e a conferência do nosso camarada Adolfo de Casais Monteiro, chamada O SIGNIFICADO DO CINEMA.

É necessário que, assim como se vendeu bem o primeiro, êste segundo caderno seja acolhido por vocês com o interesse que deve merecer-vos esta iniciativa, ousada por-certo visto que ninguém a ela se abalançara ainda e que é mais uma prova do nosso amor pelo cinema e do nosso desejo de vos ajudar a compreendê-lo bem.

Todos os nossos esforços, afinal, para vocês são.

Esta luta constante de todos os dias, os dissabores que colhemos, os obstáculos que nos vemos obrigados a vencer, de vocês nos veem.

É justo que, à mistura, nos deis um pouco de alegria e um pouco de satisfação.

A nossa revista é-vos agradável? Pois os nossos cadernos ser-vos-ão úteis.

E isto merece não ser esquecido.

Compensai a nossa boa-vontade, a nossa perseverança, a nossa coragem e a nossa iniciativa.

«Movimento» é uma revista que vive de vocês e para vocês. Amparai as nossas iniciativas, na fragilidade dos seus princípios.

Não fareis mais do que o vosso dever.



Nem uma te escapa  
Meu Santo Antoninho  
Põe a tua capa  
Mete-te ao caminho...

Que voz tam clara e tão retin-  
tamente portuguesa, que articular de  
palavras e que cara bonita, que alegria  
e que à vontade Mariana Alves soube  
dar àquela figura da marcha «aux-  
-flambeaux».

Vamos agora vê-la fazer no «Gado  
Bravo» uma lavadeira desempenada,  
que veste fatos de chita com pintas e  
de riscado em xadrês. Uma moçoila  
saudável que resiste a todos os males,

mesmo aos de coração, até que um  
dia... Querem ver que já queriam sa-  
ber o resto!?!

Só lhes digo isto: O Siegfried  
Arno anda perdidinho por ela. Na fita,  
está claro.

Vocês reparem na fotografia. Su-  
ponham agora o impagável que será o  
Arno a dizer galanteios no seu portu-  
guês arrezado à lavadeira geitosa. E  
êle é sarna, nunca a larga. Todos os dias  
vai ao ribeiro ou ao coradouro, com  
as suas calças de golf, impingir-lhe  
frases ultra-apaixonadas. Mas a saloia  
tem lume no olho e responde-lhe à  
letra. São dum cómico irresistível.  
Agora aqui para nós que ninguém nos

ouve, se bem que todos o possam ler,  
o Arno tem razão.

É que ouvi-la cantar esta quadra  
do grande poeta António Botto, faz  
perder a cabeça a qualquer.

Se eu um dia fôr amada,  
Hei-de vestir-me de côr.  
Quero andar bem enfeitada  
E agradar ao meu amor...

Ó meu Deus! se o Lopes Ri-  
beiro sabe que eu ando a publicar  
quadras do filme, mata-me.

O que vale é êle ter ido para  
Paris filmar os interiores.

r e l m o f e l g u e i r a s

# Crítica de filmes

**Cavalgada** — Este filme merecia uma análise e um estudo mais largo do que as palavras rápidas que poderei conceder-lhe. Pelo seu vasto assunto, pela sua envergadura, pelo seu carácter, «Cavalgada» não é uma obra vulgar que se julgue em duas dúzias de linhas limitadas num espaço previamente estabelecido. Mas à limitação dêsse espaço não poderei fugir e a êle sujeitar-me-ei como puder.

A história duma geração, o encadeado do tempo no seu eterno recomeçar, era assunto inexplorado e que o cinema não tentara ainda exprimir dando-nos as estranhas correspondências de ontem e de hoje, num «roulement» vigoroso, patético, emocionante. Foi isso o que se procurou exprimir em «Cavalgada». Trinta anos de vida duma família inglesa através de cuja história se fazem sentir as pulsações do mundo e duma época. O filme não escapa, porém, a uma certa grandiloquência que pode merecer censuras... como, de resto, o seu espírito conformista, honestamente confessado, pode merecer considerações ou reparos que, aliás, não deprimem o valor cinematográfico da obra.

«Cavalgada» é duma boa construção técnica. E o seu valor não reside só na realização, note-se. Vem de mais longe, vem do esmerado «découpage», donde surgiram, encadeadas numa seqüência primorosa e cheia de harmonia, tôdas as cenas; daí resulta o equilíbrio perfeito que todo o filme oferece. Chamo a atenção para o erro freqüente em que muitos incorrem atribuindo à realização duma obra todos os seus defeitos ou todos os seus méritos, quando, afinal, uns ou outros já vêm em parte dos alicerces. Porisso, ao aplaudir o valor técnico geral de «Cavalgada», é justo não esquecer a importância que teve, sem dúvida — pois denuncia-se a cada passo — o hábil e inteligente «découpage» que é base de qualquer obra cinematográfica. Sobre a realização de «Cavalgada» que é quasi sempre excelente, não posso demorar-me a não ser sobre alguns pontos que pretendo salientar. Se bem que eu não tivesse gostado das imagens dessa cavalgada fanfarronante que exprime a passagem do tempo e justifica o título, e ache insistente e vulgar a visão sintética da guerra, há em «Cavalgada» coisas devéras notáveis, de verdadeiro cinema, que urge pôr em relêvo. Já não falo no cuidado com que foi dada, pelos trajes, pelos decors, pelos costumes e pelos contrastes, a atmosfera dos anos que decorrem — apesar-de que é interessante frizar a mudança operada depois da guerra, expressa admiravelmente na cena do «dancing» (pares enlaçados voluptuosamente, música sensual, mulheres em atitudes equívocas...) Quero referir-me a dois episódios duma perfeita concepção cinematográfica e de amplo efeito «interior». Um dêles passa-se no transatlântico. Numa noite muito calma, os noivos contemplam o mar imenso e sereno que os cerca. As suas palavras são simples e despreocupadas: ...«que importaria, exclama ela, se morressemos esta noite. Somos tão felizes que certamente não o poderemos ser mais...» Ele toma-lhe o braço, ternamente, e

afastam-se. Atrás dêles ficou o mar, muito brando, infinito. O silêncio envolve tudo. E na tela surge, enorme, aproximando-se lentamente, uma palavra: *Titanic*, o nome do paquete que sossobriaria nessa viagem.

Não há um só quadro «de efeito». A emoção é dada pelos processos mais simples e da mais absoluta pureza cinematográfica. O outro fragmento é o funeral da rainha Vitória, que nos é mostrado subjectivamente, pela expressão comovida dessa família que assiste da varanda à passagem do cortejo, pelas lágrimas que a velha criada não pode conter, pelo olhar atônito das crianças...

Outros detalhes, outras cenas há que mereciam ser vagarosamente anotadas como, por exemplo, as que descrevem o post-guerra. Aqui o filme foge mesmo um pouco ao espírito conformista, para confrontar as conseqüências da guerra (campos de cruces brancas) com a atmosfera toldada e indecisa dos nossos dias (igreja deserta, conferência do desarmamento, «meeting» revolucionário, discurso belicoso). Mas é só nesse instante que o pessimismo se esboça... E o filme acaba como começa. O velho casal que assistiu à derrocada duma geração, brinda pelo novo ano 1933, pelo amor leal e forte que o uniu sempre, pelo passado e pelo futuro da sua pátria, esperançado ainda nos dias que estão para vir...

Em resumo: «Cavalgada» é uma obra honesta digna de especial atenção. E a par dos reparos que se lhe possam fazer, possui qualidades suficientes e valôr bastante para a colocar muito acima das produções que correntemente o cinema nos oferece.

**Um homem de coração** — Ora aqui está uma obra sem um valor por aí além mas deveras agradável e simpática na sua simplicidade risonha e sábia. O assunto é igual ao assunto de dezenas doutros filmes. Todavia, o ambiente de frescura e mocidade em que decorre (gostei especialmente das cenas em que os quatro vão arranjar quarto para Karla Monkau e do episódio do passeio ao campo) e a realização cuidada de Geza von Bolvary tornam esta comédia ligeira um espectáculo a que se assiste despreocupadamente mas com prazer e interesse. E é uma pena o filme acabar como todos os outros. Pela sua natureza a história requeria um fim agradável e sentimental. Mas não seria muito mais interessante que fôsse a rapariga que abandonasse a classe a que pertencia para se vir juntar ao rapaz e com êle lutar pela vida com aquela confiança e aquêlê optimismo que o amor e a mocidade de ambos lhes concediam?

Ao menos uma vez punha-se de parte êsse convencionalismo eterno do senhor muito rico que resolve situações morais... e financeiras.

Agora uma pergunta: porque não deram a êste filme, digno de melhor sorte do que a que teve, um título mais sugestivo?

a l v e s c o s t a

# Rapazes, vamos criar um club cinematográfico?

---

No último número do «Movimento» o Alves Costa perguntou-vos se estáveis dispostos a fundar um club cinematográfico.

Agora venho eu falar-vos. E não vos pergunto coisa nenhuma. Digo-vos: Rapazes! Firmes! Chegou o momento de separar o trigo do joio.

Aqueles que no cinema veem apenas um espectáculo ou o meio de alimentar os seus sonhos doentes, indignos de uma juventude bem constituída e sã; aqueles que veem nas salas de exhibição um pretexto apenas para dar largas à sua triste mania de conquistadores falhados; aqueles, emfim, que não amam nem compreendem o cinema, esses não nos interessam e ficam mesmo dispensados de continuar a leitura das minha palavras.

Agora os outros: os que compreendem ser o cinema a mais expressiva das artes, a única universal, de todos e para todos; os que amam esta forma de expressão artística, sentimental e intelectual que é do nosso tempo, da nossa idade; aqueles que desejam contribuir com um pouco do seu esforço material e com toda a sua boa-vontade, toda a sua assistência moral; esses que são na realidade *cinéfilos* — não na tão errada significação que se dá habitualmente à palavra, mas na que verdadeiramente possui — esses, peço-lhes que continuem a lêr-me e intimo-os a que nos ajudem nesta empresa.

Vamos, rapazes e raparigas! Escrevam-nos, mandem-nos o seu nome, a sua adesão, digam-nos o que pensam de nossa ideia. Dêem-nos o seu apoio ou mandem-nos as suas sugestões.

Pela nossa parte organizaremos uma lista de nomes para, logo que tenhamos as adesões estritamente indispensáveis à nossa iniciativa vos chamar todos a uma reunião geral aqui na redacção e começarmos a entrar nas realidades.

O Alves Costa já vos disse, em princípio, o que pensavamos fazer: criar uma biblioteca cinematográfica, provida de revistas e livros; organizar exhibições particulares, não só de filmes clássicos, mas ainda daqueles filmes que o público não aplaudiu e mereciam ser aplaudidos; organizar pequenas conferências culturais, versando temas escolhidos por vocês e em que vos será explicado aquilo que vocês não compreendam e queiram compreender; criar, emfim, um grupo de cinéfilos inteligentes, conscientes e justos, capazes de, aplaudindo o que é bom e combatendo o que é mau, nos ajudarem a fazermo-nos ouvir de meia dúzia de senhores emproados e poderosos que só fazem o que muito bem querem e querem quasi sempre mal.

Ora muito bem. E feito isto, comecem a mandar os vossos nomes, as vossas moradas, os vossos alvitres. Apareçam cá pela casa, se quiserem. Depois das 5 horas está cá sempre algum de nós e teremos um grande prazer em vos apertar a mão e trocar impressões convôscos.

Mas por amor de Deus, não venham para cá dizer-nos, com ares tristes que a ideia é muito boa, mas a execução muito difícil.

Pois está claro que é difícil! Mas também, se fôsse fácil não nos interessava.

É difícil? Melhor! Para que temos nós a nossa inteligência, a nossa vontade e a nossa juventude? VAMOS, RAPAZES E RAPARIGAS! ESCRIVAM JÁ!!!

---

**a r m a n d o   v i e i r a   p i n t o**

---

# Estação de Serviço

## SALA DE ESPERA

No número anterior de «Movimento» lançou-se a ideia da criação dum club cinematográfico em Portugal, apoiado pela nossa revista, e expôs-se em traços gerais e muito rápidos o que viria a ser essa organização.

Que dizem vocês?

Convém notar que se o lançamento dessa ideia está escudada na nossa vontade firme de lhe abrir caminho, nada será possível fazer se nos encontrarmos sózinhos. É preciso que todos aqueles que ao cinema prestem séria atenção e ao cinema dediquem seu entusiasmo e seu carinho, ouçam o nosso apêlo, se juntem à nossa volta e nos ajudem. É na nossa união que residirá a nossa força e a garantia do nosso sucesso.

Se a ideia da criação dum club cinematográfico em Portugal não for acolhida com o vosso interesse, o vosso entusiasmo e a vossa fé, somos obrigados com bastante pena a deixá-la fracassar e com desgosto abandonaremos os nossos intentos de erguer um núcleo de defensores sinceros do cinema, capaz de organizar e sustentar espectáculos de arte cinematográfica que teriam por fins a propaganda do cinema e o apuramento do gosto pela arte das imagens.

Que pensam vocês?

Vá rapazes, vamos criar um club cinematográfico! Contamos com vocês. E agora não nos deixem desapontados forçando-nos a reconhecer que em Portugal o número dos verdadeiros amigos do cinema não vai além de meia dúzia de entusiastas sinceros. Seria uma tristeza e abonava muito pouco em vosso favor...

## EXPEDIENTE

**CAMARADA** — Fritz Lang está dirigindo «Liliom», nos studios Paramount de Saint Maurice, e parece que os trabalhos vão em grande andamento. Se me lembro da «Montanha Sagrada»!! Era um encanto, uma maravilha esse filme! Arnold Fanck já por diversas vezes procurou os mesmos motivos mas nunca foi tam feliz como dessa primeira vez. Todavia não desiste. Actualmente está terminando em Chamonix (se já não terminou) a filmagem de «O Rei do Monte-Branco». Agradou-me a sua carta, que me veio recordar os melhores tempos do cinema silencioso. Gostarei de voltar a receber notícias suas.

**CINEMANIACO** — Muito obrigado pelas felicidades que deseja para «Movimento» e pelos cumprimentos que me envia. Pode mandar, se quiser, a lista das artistas que lhe ofereceram fotografias; é natural que isso venha a interessar outros leitores. Das direcções que pede só posso dar-lhe uma: Lian Deyers, Berlin Halensee, Kurfuerstendamm, 103, bei Frau Dr. Kersten, Alemanha. As outras duas artistas não trabalham presentemente nem sei onde param.

**THEMISTOCLES** — Tenho muita pena mas não posso revelar o nome nem dar publicamente quaisquer informes a respeito da senhora que você viu conversando com o Alves Costa na tarde da nossa matinée. De resto, isso está fora das minhas atribuições. Folgo que tenha gostado da festa, apesar d'esses reparos todos que aponta. Você também é muito exigente!... Não se esqueça de escrever uma vez por outra.

**O PRÍNCIPE NEGRO** — Estou-lhe muito grato por esse grande interesse que manifesta por «Movimento». Sabe como deve entreter a

impaciência com que espera pela saída da nossa revista (que, aliás, sai regularissimamente)? Mostre «Movimento» aos seus amigos, faça a propaganda do nosso quinzenário e vá às matinées do «Central», do «Condes» ou do «Odéon» com os bônus que oferecemos. Você tenha paciência, mas quando sua irmã terminar essa deliciosa viagem de nupcias, tem de a convencer a assinar o «Movimento»... A nossa revista está mortinha por fazer passeios transatlânticos.

É difícil dizer-lhe qual é o melhor filme de Lillian Harvey. Há fragmentos em «Congresso que Dança» e «A Imperatriz e Eu» em que Lillian Harvey é extraordinária! Até breve.

**JOÃO GOMES** — Agradecemos-lhe a simpatia que nutre pela nossa revista. O primeiro caderno de elucidação cinematográfica já está à venda. Pode procurá-lo em qualquer quiosque ou na nossa redacção. O número 1 de «Movimento» está esgotado.

**MARIASINHA** — É com vivo prazer que registro a sua tamanha simpatia por «Movimento» e não encontro palavras para lhe agradecer as lisonjas de que nos cobre. Já está à venda o primeiro «caderno de elucidação cinematográfica». Encontrá-lo-á na casa onde habitualmente compra a nossa revista. Eu sou muito suspeito para lhe dar uma opinião sobre esse caderno... mas pode crer que o Armando Vieira Pinto fez coisa asseada. Não se esqueça de voltar a escrever-me, como promete e, então, até breve!...

**UM SENHOR QUE NÃO TEM PSEUDÓNIMO** — Vê-se logo... Obrigadinho por essas felicitações tôdas e todos esses abraços de boas-festas. Você é a amabilidade em pessoa. Escreva a Kate de Nagy para Humboldtstrasse, 36, Berlin-Grunewald, Alemanha. Suponho que lhe responderá.

**UM CINÉFILO VERDADEIRO** — Não tem desculpas a pedir, meu caro amigo, venha daí uma maozada. Transmíti ao Armando V. Pinto os seus parabens pela «palração» que ele fez na festa do «Movimento». Se você visse como ele agora anda inchado... Li a critica a que se refere. Aquilo é vontade de dizer mal sem saber o que dizer. Deixe lá...

**A TODOS...** desejo um feliz Ano Novo!... E áqueles que tiveram a gentileza de me enviar cartões de boas-festas tributo-lhes agora o meu reconhecimento sincero.

## APARTADO N.º 13

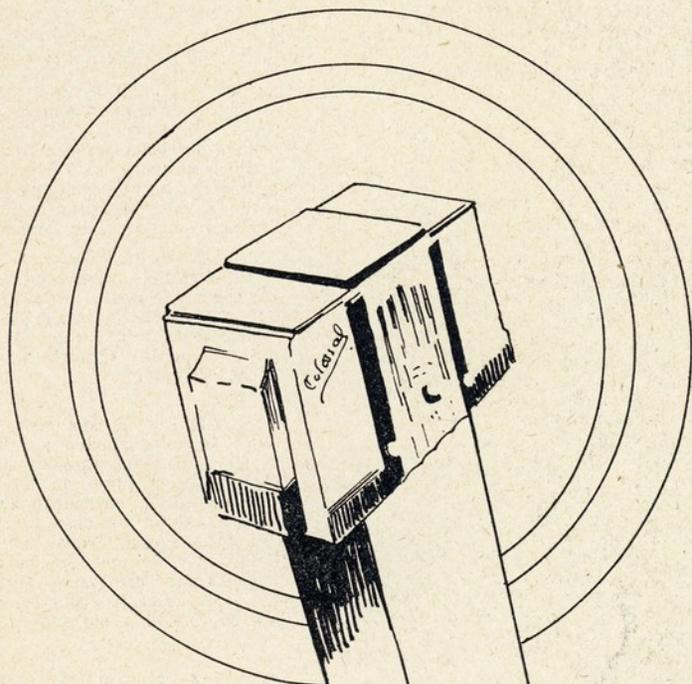
**CINEMANIACO (Lisbôa)** — Deseja trocar correspondência com leitoras de «Movimento» e a título de isca oferece uma fotografia de Willy Fritsch áquela que primeiro lhe escrever por nosso intermédio.

**O PRÍNCIPE NEGRO (Lisbôa)** — Renova o pedido de troca de correspondência com Noémia (a mais ingrata das minhas leitoras...) e Maria Clara.

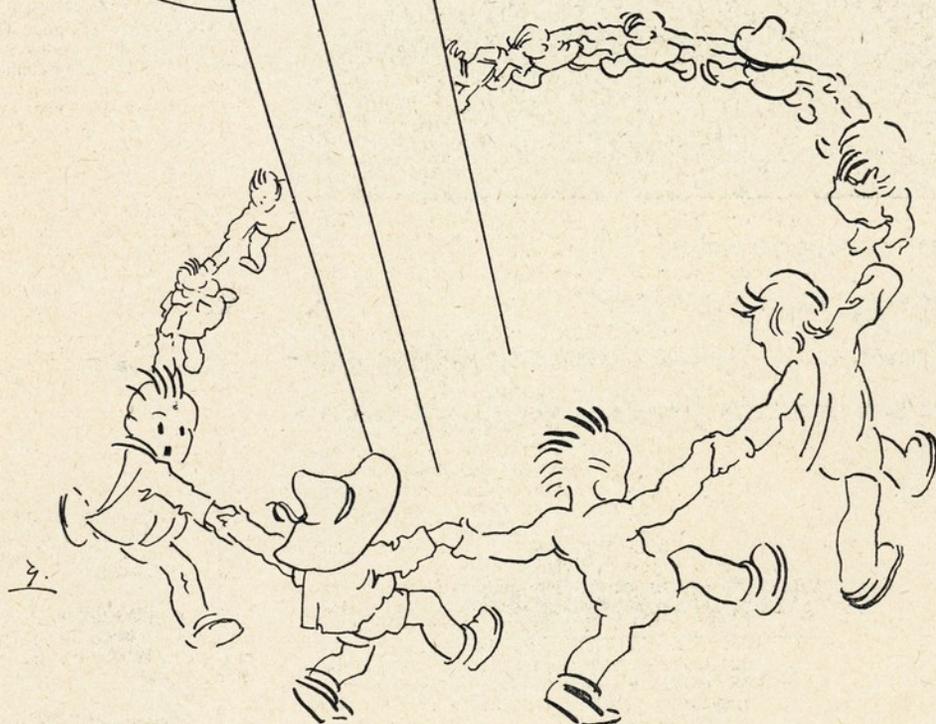
**THEMISTOCLES (Pôrto)** — Deseja entabular relações com cinéfila inteligente e culta para troca de impressões sobre cinema.

# COLOSSAL RADIO

---



Um aparelho  
pequeno que  
é um grande  
aparelho.



---

**Sociedade Comercial Luso Americana, L.<sup>da</sup>**

---

LISBOA — Rua da Prata, 145

PORTO — R. Sá da Bandeira, 339



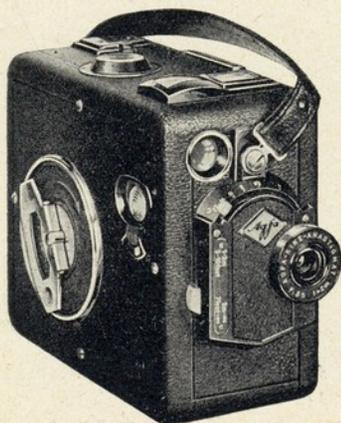
— Ora o disparate!  
Muraline, meu amigo!  
Muraline é a única tinta a água que  
existe para uma pessoa de bom gosto.

**MURALINE**

TINTA A ÁGUA

---

MÁRIO COSTA & C.A, L.<sup>DA</sup>  
RUA DO ALMADA, 30-1.º e 2.º  
TELEFONE, 2571 — PORTO

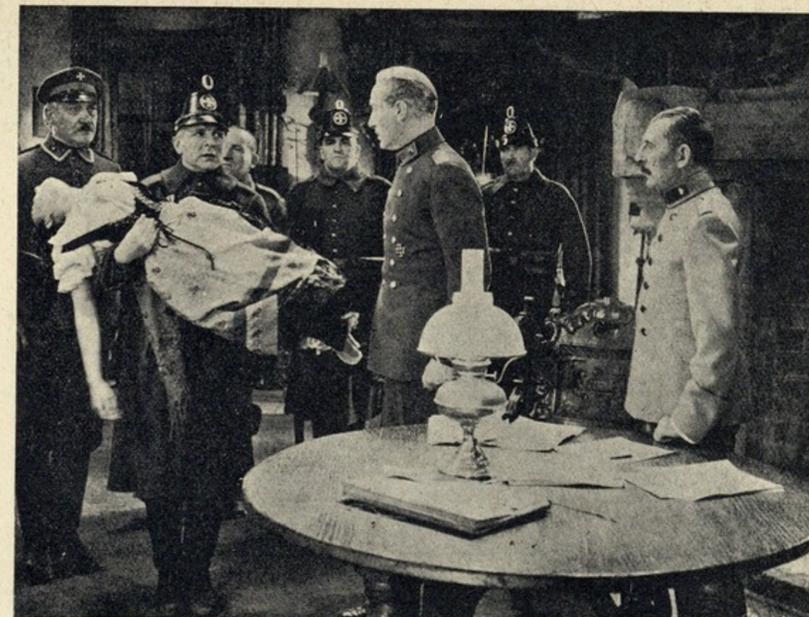


Já experimentou  
o **AGFA-MOVEX?**

# CASTELLO LOPES

apresenta

## DOIS GRANDES FILMES



## «Casa de correcção»

(THE MAYOR OF HELL)

Um grande nome a fixar neste filme

JAMES CAGNEY

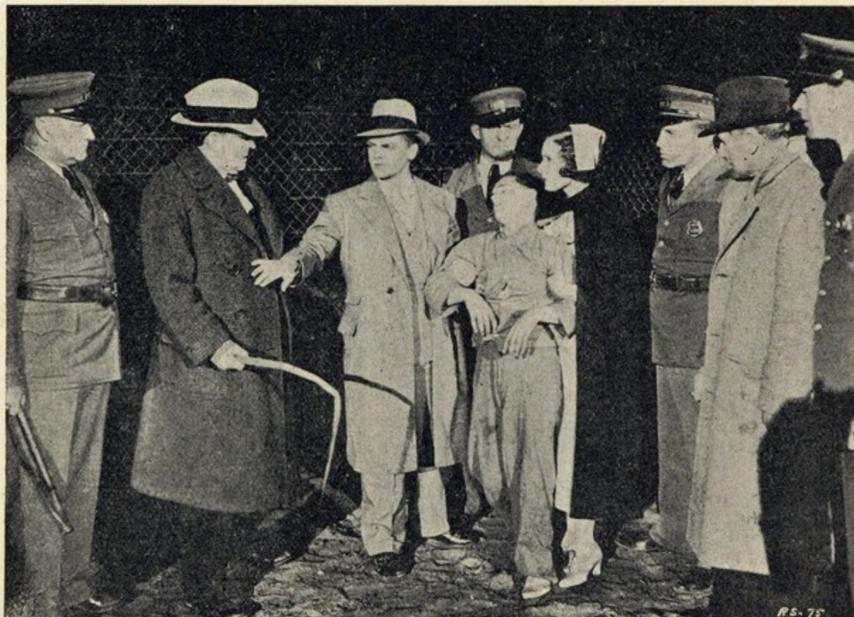
O seu desempenho, prodigiosamente humano e sentido, prende em absoluto a sensibilidade do público.

ARCHIE MAYO

construiu com segurança uma obra plena de grandes efeitos.

CASTELLO LOPES

apresenta-a na tela do CINE CONDES na 1.<sup>a</sup> semana de Janeiro



## «Entre arame farpado»

(CAPTURED)

Uma interpretação genial de três azes inigualáveis

LESLIE HOWARD  
DOUGLAS FAIRBANKS, JR.  
PAUL LUCAS



Uma nova tragédia à margem dum assunto novo.  
Uma concepção perfeita da arte de filmar.

MARGARET LINDSAY

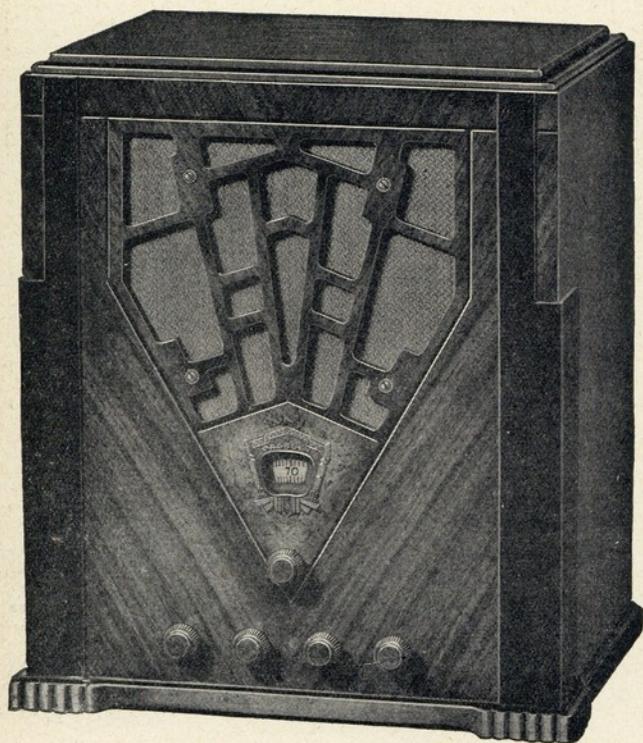
uma linda mulher para completar o admirável conjunto.  
Uma fita monumental de cenas inesquecíveis que

CASTELLO LOPES

submete à apreciação do público de Lisboa no ODEON e no PALACIO na primeira semana de Janeiro.

# CROSLEY - RADIO

A voz do mundo



Novo modelo EUROPEU para as voltagens de  
110, 140, 155, 160, 180, 200, 220 e 250 volts  
Para ondas de 200 a 2000 metros  
Preço Esc. 2.600\$00

O RECEPTOR MAIS  
MODERNO A VENDA  
NO NOSSO PAIZ

A mais moderna técnica, as mais modernas lâmpadas e a qualidade superior do material empregue na sua construção...

Fazem com que  
**C R O S L E Y**  
seja o melhor  
r e c e p t o r .

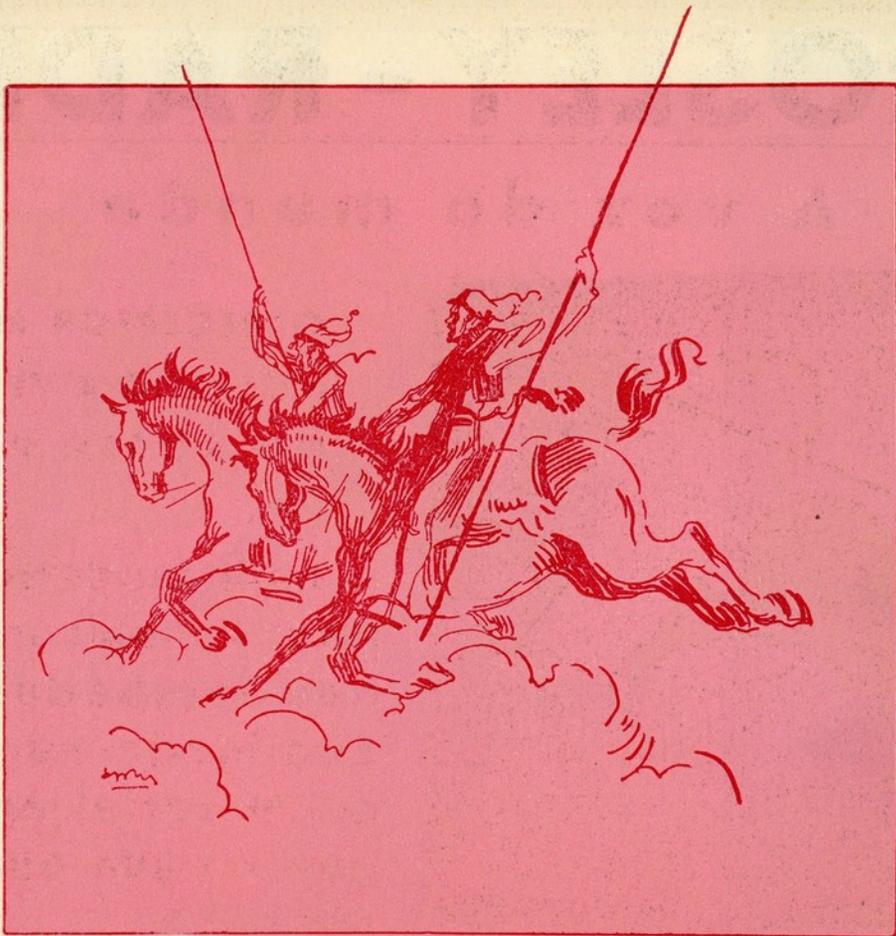
**Compre um CROSLEY e...  
comprará o melhor**

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

**Casa Forte**

Rua Sá da Bandeira, 281 e Rua Santa Catarina, 20 — Telefone 2425 — PORTO

Ouçam o Posto Emissor C. S. 1 C. F. — CASA FORTE



**EM JANEIRO  
VEREMOS**

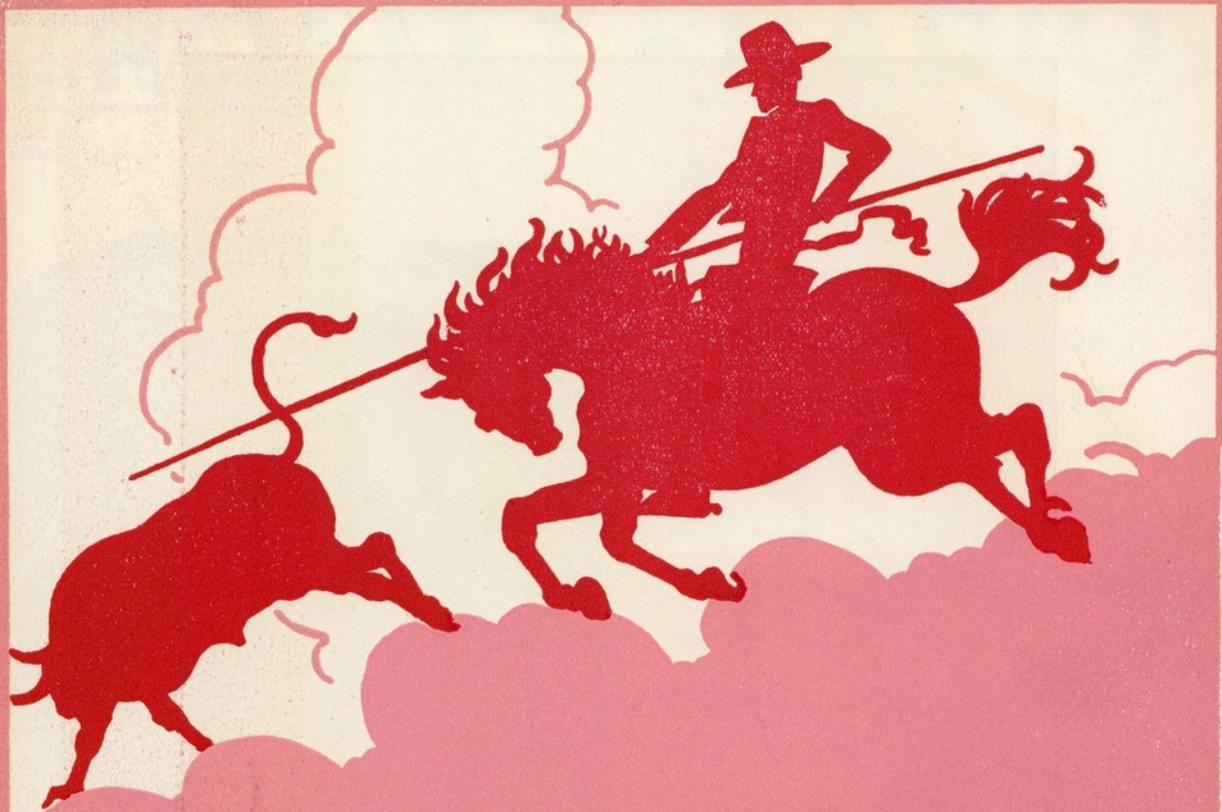
# **Gado Bravo**

---

**Produção do BLOCO H. DA COSTA**

**Realização de António Lopes Ribeiro**

---



# GADO BRAVO

grande filme português